

REVISTA

DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS



#19

ISSN 2316-770X

Clélio Campolina Diniz
REITOR

Rocksane de Carvalho Norton
VICE-REITORA

Ana Lúcia Pimenta Starling
CHEFE DE GABINETE

Márcio Benedito Baptista
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Efigênia Ferreira e Ferreira
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Antônia Vitória Soares Aranha
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Renato de Lima Santos
PRÓ-REITOR DE PESQUISA

João Antonio de Paula
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO

Ricardo Santiago Gomez
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Roberto do Nascimento Rodrigues
PRÓ-REITOR DE RECURSOS HUMANOS

Valéria de Fátima Raimundo
DIRETORA-GERAL DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO

Maurício Alves Loureiro
DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS
TRANSDISCIPLINARES

CONSELHO EDITORIAL: Carlos Antônio Leite Brandão (EA/UFMG), Débora d'Ávila Reis (ICB/UFMG), Eliana de Freitas Dutra (FAFICH/UFMG), Heloisa Soares de Moura Costa (IGC/UFMG), Hugo E. A. da Gama Cerqueira (CEDEPLAR-FACE/UFMG), Ivan Domingues (FAFICH/UFMG), Jacyntho Lins Brandão (FALE/UFMG), João Antonio de

Paula (CEDEPLAR-FACE/UFMG), Marília Andrés Ribeiro (C/Arte Projetos Culturais), Maurício José Laguardia Campomori (EA/UFMG), Maurício Alves Loureiro (Música/UFMG), Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi (ICEX/UFMG)

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO: João Antonio de Paula (CEDEPLAR-FACE/UFMG), Marília Andrés Ribeiro (C/Arte Projetos Culturais), Maurício José Laguardia Campomori (EA/UFMG), Heloisa Soares de Moura Costa (IGC/UFMG), Valéria de Fátima Raimundo (FAFICH/CEDECOM)

EDITOR: João Antonio de Paula

EDITOR EXECUTIVO: Danilo Jorge Vieira

DIREÇÃO DE ARTE: Marcelo Lustosa

PROJETO GRÁFICO: Léo Ruas

DIAGRAMAÇÃO: Luciano Baêta e Léo Ruas

PLANEJAMENTO: Melissa Soares

APOIO TÉCNICO: Lucilia Maria Zarattini Niffenegger

REVISÃO, NORMALIZAÇÃO DOS ORIGINAIS E REDAÇÃO DOS ABSTRACTS: Juliana Santos Botelho

FICHA CATALOGRÁFICA

R 454 Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. – vol.15, 1965- – Belo Horizonte : UFMG, 1965- v. : il. Anual de 1965-1969 A partir do v.19, n.1/2, 2012 passa ser semestral Título anterior: Revista da Universidade de Minas Gerais, 1929-1964. Inclui bibliografia. ISSN: 2316-770X 1. Ensino superior– Periódicos. I. Universidade Federal de Minas Gerais.

CDD: 378.405 CDU: 378

No dia 26 de setembro, fomos colhidos pela triste notícia do falecimento de Affonso Ávila, que nos deixou, à página 141, uma contribuição inestimável de celebração da vida. A ele também pertence esta revista.

EDITORIAL

A Revista e o Corpo
em Revista

8

JOÃO ANTONIO DE PAULA

A Revista da Universidade
Federal de Minas Gerais

I4

JEAN-LUC NANCY

58 Indícios sobre o Corpo

42

ANDRÉ MELO MENDES

A Transgressão do
Corpo Nu na Fotografia

58

MARIA ESTER MACIEL

Corpo, Imagem e Escrita

76

SANDRA REGINA
GOULART ALMEIDA

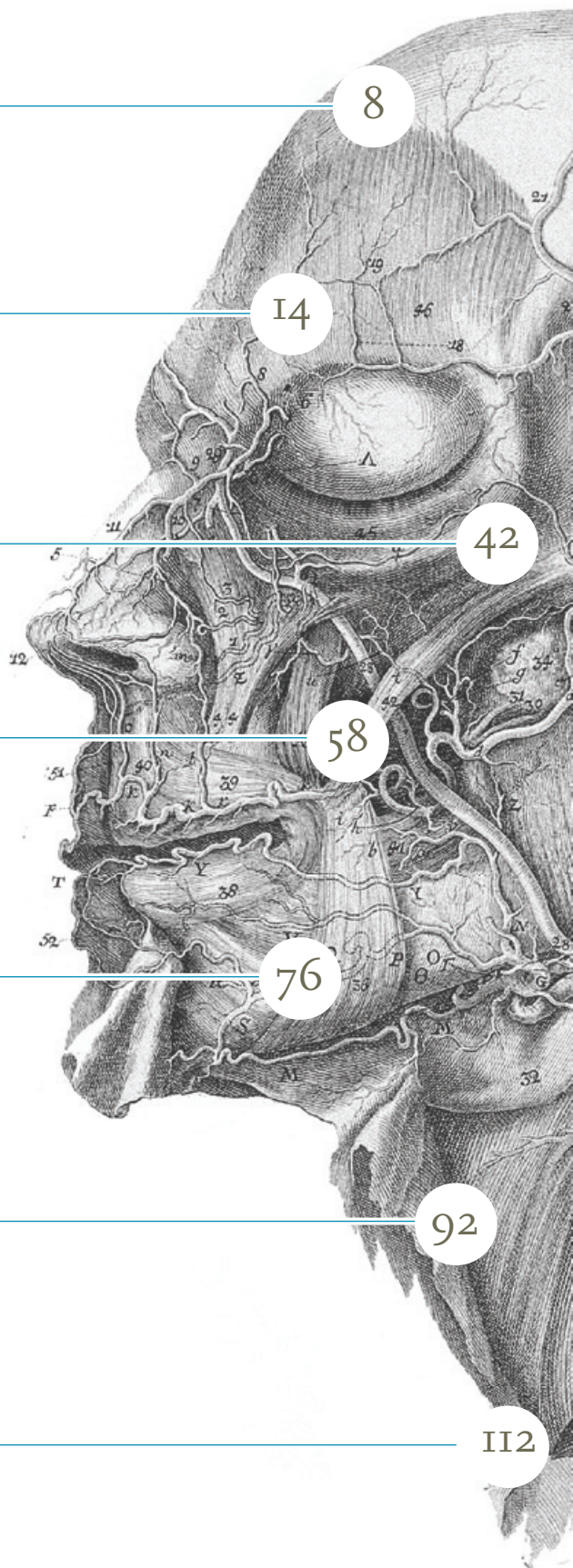
Corpo e Escrita

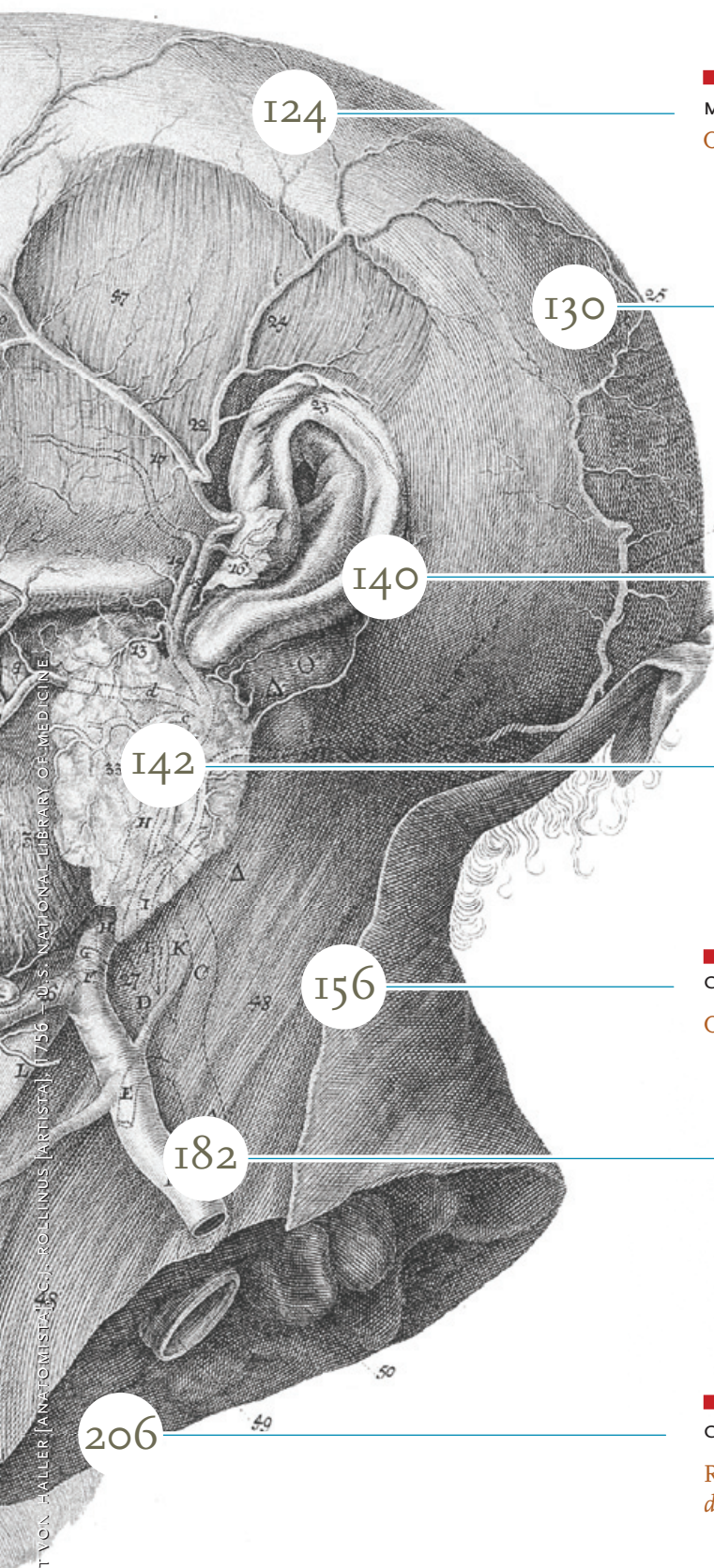
92

MARCOS HILL

Onde está o Pênis?

II2





I24

MARCO PAULO ROLLA
O Corpo da Performance

I30

MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO
Entrevista - Teresinha Soares
“Fiz do meu corpo minha
própria arte”

I40

AFFONSO AVILA
O Canto das Águas

I42

FABIANA DULTRA
PAOLA BERENSTEIN
Corpo e Cidade

I56

CASSIO M. TURRA
Os Limites do Corpo

I82

FRANCISCO CÉSAR
DE SÁ BARRETO
LUIZ PAULO RIBEIRO VAZ
GABRIEL ARMANDO
PELLEGGATTI FRANCO
O Universo Vivo

206

CHRISTIAN JACOB
Retorno aos Lugares
de Saber



JOHN BROWNE, 1681 — U.S. NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

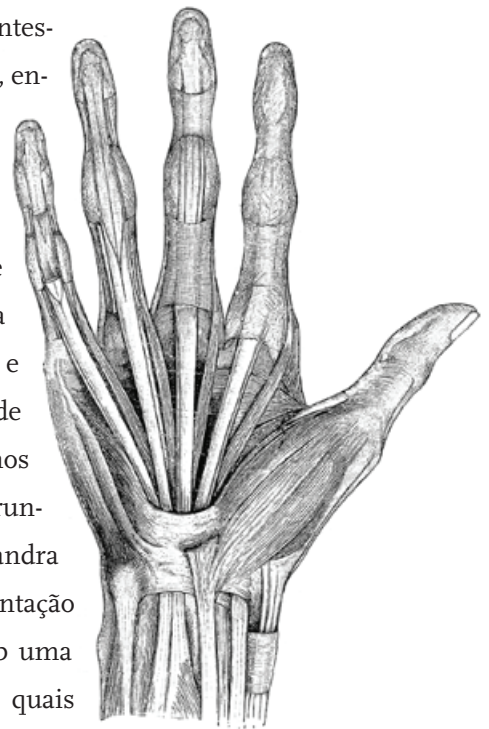
editorial

A REVISTA E O CORPO EM REVISTA

É com grande satisfação que colocamos à disposição dos leitores a mais nova edição da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, cuja circulação foi interrompida em 1969, deixando uma lacuna para quase duas gerações de pesquisadores e estudantes que, agora, começa a ser preenchida pela presente iniciativa de reiniciar a publicação deste importante veículo de divulgação científica e de reflexão teórica. Resultado do trabalho de um grupo de professores da UFMG, que muito se beneficiou do apoio prestado pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) e pelo Centro de Comunicação (Cedecom), o relançamento da revista representa um empreendimento que, para além de propiciar espaços renovados à imprescindível atividade intelectual de análise e de debate sobre questões prementes da atualidade, reafirma o compromisso da universidade com uma intervenção na realidade contemporânea balizada por diretrizes que rejeitam as ciências parcelares em favor de uma prática acadêmica efetivamente inter e transdisciplinar – a ser exercida nas páginas deste periódico de modo rotineiro, mediante o desenvolvimento de temáticas que exigem abordagens, que articulam e fazem interagir os mais diversos campos do conhecimento. É o caso, por exemplo, do objeto que orientou os textos ora apresentados: o corpo, que, dada a sua complexidade constitutiva, requer uma evidente narrativa multiforme, entremeada por distintas e sucessivas aproximações que se completam mutuamente.

O artigo de abertura desta edição, que recria as fundações de uma publicação tão especial para todos nós, não poderia deixar de ser uma tentativa de empreender uma espécie de introspecção editorial; ou seja, de buscar conduzir o leitor por um percurso que lhe permita apreender a importância (in)formativa das revistas, que se mantêm intacta ao longo do tempo, a despeito das transformações e da permanente adequação cobrada desse tipo de publicação aos contextos cambiantes que lhe circundam. O professor João Antônio de Paula realiza este esforço inicial, em um exame preciso que tem como ponto de partida a concepção básica de que as revistas configuram uma síntese de sua própria época, à qual servem como repositório de todos os dilemas e anseios prevaletentes, deixando, assim, um testemunho perene dos dias correntes às gerações futuras. Diversas iniciativas são evocadas pelo autor a fim de atestar esta noção da revista como meio duradouro de registro do imanente: os Anais Franco-Alemães, que foram o suporte para a crítica inaugural à economia política elaborada em bases científicas renovadas por Marx e Engels; a *L'Année Sociologique*, de Émile Durkheim, que contribuiu para a divulgação e a consolidação de um dos pilares da sociologia contemporânea; a *Les Temps Modernes*, que colocou novas indagações a respeito da vida moderna em sociedade e contribuiu para firmar o nome de Sartre entre os grandes pensadores do século XX, são alguns exemplos ilustrativos arrolados, dentre outros. As experiências editoriais do Brasil, país periférico no qual a universidade e a impressão de livros e periódicos foram coibidas e apenas tardiamente estabelecidas, são também reavaliadas, compondo o pano de fundo para o resgate da origem e da trajetória da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, que circulou durante 40 anos, entre 1929 e 1969, e acompanhou o processo de consolidação da instituição como centro de ensino, pesquisa e extensão de excelência reconhecida nacional e internacionalmente. Circunstanciado o itinerário pretérito da Revista numa perspectiva histórica ampla, os textos seguintes são dedicados a desenvolver, sob prismas diversos e complementares, a temática proposta aos articulistas convidados a contribuírem com esta edição. O primeiro ensaio é do filósofo francês Jean-Luc Nancy, que tenta inventariar alguns conceitos possíveis para designar o corpo, mas consegue catalogar apenas prováveis vestígios de noções fragmentadas porque, como ele mesmo é levado a concluir, o corpo não possui uma totalidade nem unidade sintética suscetível de ser assimilada; é algo impreciso e não identificável, desnudando, assim, toda a sua mencionada complexidade e, mais do que isso, o seu inevitável – e necessário – tratamento analítico inter e transdisciplinar, tal qual é feito nas páginas subsequentes pelos demais autores.

Os próximos cinco artigos constituem um conjunto de grande uniformidade, detendo-se na análise de como a sociedade contemporânea, por meio de sua cultura e de seus hábitos estabelecidos, lida com essa estrutura física que dá materialidade à espécie humana. Os professores André Melo Mendes e Maria Esther Maciel examinam expressões imagéticas específicas para delas extrair formas alternativas atuais de interpretar o corpo. As obras sempre perturbadoras e polêmicas dos fotógrafos Joel-Peter Witkin e Jan Saudek são avaliadas por Mendes, que sublinha o interesse transgressor desses dois artistas em retratar corpos que, em contraposição aos padrões estéticos dominantes, destoam em todos os sentidos. Suas fotografias são devotadas a expressar o abjeto, o feio, o disforme, antagonizando com as aparências idealizadas da beleza esculpida com fatigantes exercícios físicos, árduos regimes alimentares e minuciosas cirurgias plásticas. De modo contestador análogo, situados no contrafluxo das tendências hegemônicas, encontram-se os trabalhos do cineasta Peter Greenaway, comentados por Esther Maciel, que demonstra como os filmes do criador britânico rejeitam o disseminado culto ao corpo como objeto de *design* e bem de consumo, seguindo uma longa tradição herética que teve em suas fileiras expoentes como Sei Shonagon, uma referência da literatura medieval japonesa, e Hildegard de Bingen, a santa mística e visionária alemã do século XII. Na mesma linha de sucessão rebelde podem ser incluídas as escritoras Mohja Kahf, libanesa radicada nos Estados Unidos; Ana Miranda, brasileira do Ceará, e as indianas Arundhati Roy e Thrity Umrigar, que são revisitadas pela professora Sandra Regina Goulart Almeida, numa tentativa de compreender a representação que elas fizeram do corpo feminino em seus textos literários, sob uma ótica não convencional e desde um ponto de vista gendrado, nos quais aparece como lócus de uma resistência muitas vezes silenciosa, mas não menos obstinadamente insubordinada contra condutas e comportamentos sociais arraigados que coisificam, idealizam, dominam e sujeitam a mulher em múltiplas dimensões. O professor Marcos Hill mantém a mesma entonação crítica, questionando a maneira habitual pretensamente pudica e asséptica com que o corpo masculino é figurado, reproduzido e cotidianamente tratado como destituído de genitália ou, ainda, incomodamente possuidor desse apêndice, em acentuada distinção da excessiva e costumeira erotização do corpo feminino. Em complemento a muitos dos argumentos expostos, o artista plástico Marco Paulo Rolla demarca um ponto de



vista inapelável na sua breve e incisiva discussão sobre a performance corporal artística: o corpo humano – e a nudez – foi progressivamente desnaturalizado à medida que a sociedade foi se complexificando técnica e materialmente, com o que emergiu um sentimento difuso da imperfeição física, sujeita a todo tipo de reparos artificiais, mediante técnicas de rejuvenescimento cada vez mais arrojadas e disseminadas.

A apropriação do corpo pela arte, que perpassa as cinco intervenções anteriores, é tratada, na sequência, em seus fundamentos empíricos, por assim dizer; em sua lógica concebida e praticada pelo próprio artista. Na entrevista feita pela historiadora Marília Andrés Ribeiro, Teresinha Soares, uma ativa participante da arte contemporânea brasileira nas décadas de 1960/1970, comenta em detalhes algumas de suas mais importantes instalações, objetos e *happenings* que tiveram o corpo como elemento, levando, assim, o leitor para dentro de seu laboratório. Logo depois dessa reveladora conversa, a poesia de Affonso Ávila emerge como verdadeiro interlúdio, numa decantação da plena simbiose possível entre a natureza e o homem, fundindo o corpo e o seu entorno ambiental em algo uno e indivisível. Este intermezzo lírico abre passagem para outros enfoques teóricos embasados em duas categorias fundamentais em diversos campos do conhecimento: o espaço e o tempo. Primeiramente, as professoras Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques investigam a pouco explorada relação entre corpo e cidade. Em oposição à visão vulgar da dinâmica espacial e social urbana, que considera o corpo mero objeto subsumido, disposto ou inserido desarticuladamente nas cidades, elas aprofundam a ideia de corpografia para elucidar a existência de mutualidades traduzidas numa cartografia corporal, em que cidade e corpo interagem e deixam, simultânea e reciprocamente, marcas indeléveis uma no outro. Desta discussão centrada na espacialidade, o artigo seguinte dirige a atenção para a temporalidade finita – e variável – do corpo. O professor Cássio Maldonado Turra se ocupa do fenômeno da longevidade, que ganhou fôlego recentemente em um grupo restrito de países, principalmente entre as mulheres, com a ampliação da expectativa de vida em idades avançadas e, evidentemente, com consequências desafiadoras em termos sociais, econômicos e demográficos. Além de atrair o interesse de pesquisadores de diversas áreas disciplinares, a mudança veio convalidar a percepção de uma contínua e persistente elevação no prolongamento da vida, suscitando, assim, intenso debate a respeito dos limites etários da existência humana.

Observado como fluxo gradativo e regular irrefreável, o envelhecimento do corpo evidencia um certo começo e, assim, remete a um momento ancestral prévio à

sua própria constituição, no qual ainda se encontrava apenas latente nos elementos básicos e fundamentais da vida, como explicam em minúcias os professores Francisco César de Sá Barreto, Luiz Paulo Ribeiro Vaz e Gabriel Armando Pellegatti Franco. Eles se ocupam desse instante longínquo e descrevem a dinâmica do universo, fornecendo subsídios para uma analogia inevitável entre a sua evolução e o corpo, ao demonstrar como o cosmos, tal como o homem, percorre uma trajetória processual contínua: ele também nasce e segue em curso expansivo; gera vidas que prosperam e se tornam crescentemente complexas; ou vidas que se interrompem e desaparecem; permanece em mudança ininterrupta, podendo entrar em desordem. Assim representado, o universo se assemelha a um corpo vivo em permanente mutação. Por fim, Christian Jacob, diretor da *L'École des Hautes Études en Sciences Sociales* (L'Ehess) e do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), relata seu ambicioso e amplo programa de pesquisa dedicado a assentar as bases de uma antropologia histórica dos saberes humanos, cuja abrangência extrapola o campo das ciências formais e codificadas, englobando igualmente os diferentes tipos de conhecimento: as humanidades, as técnicas, a espiritualidade; o saber dos alfabetizados e também o dos iletrados, concebido como uma construção social de indivíduos, comunidades e instituições; o saber inseparável do saber-fazer, o que denota especial importância aos seus “canais operatórios”, entendidos genericamente como uma ordem repetida e lógica de gestos meticulosamente encadeados na produção de um conhecimento específico, ou melhor, na produção de uma extensa variedade de artefatos objetivando os saberes. Nessa abordagem antropológica, em que gesto e saber estão atados um ao outro, corpo e ciência, em sentido abrangente, apresentam-se geminados e, assim, esta última se torna prolongamento do primeiro: “todo artefato, seja um texto, uma imagem, um objeto, guarda a memória e o traço das operações mentais que os produziram”, sentencia Christian Jacob. Aproveitamos essa citação para firmar nosso entendimento de que esta edição da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, reinaugurando a trajetória de um importante veículo de reflexão e debate intelectual, é uma expressão polifônica que preserva em si as singularidades de cada um dos autores, profissionais e instituições que se envolveram na sua preparação.

Boa leitura!

Comissão Editorial